



# Churchill: o Estadista e o Escritor

*A 30 de Novembro de 1954, por ocasião do octogésimo aniversário de Winston Spencer Churchill, Joaquim Paço d'Arcos é convidado a pronunciar uma Conferência no Instituto Britânico, em homenagem ao estadista e escritor, que recebera em 1953 o Prémio Nobel de Literatura.*

**L**eitor, desde muito novo, das obras do escritor Winston Spencer Churchill, por igual admirador do estadista, pensei que este dia do seu octogésimo aniversário seria o mais apropriado para desenvolver, na palestra que me fora pedida, um tema que há algum tempo seduzia o meu espírito. Na escolha desta data, que por si só representa preito de homenagem, juntaram-se o empenho da nobre Instituição que nos alberga e o meu empenho pessoal.

Para o tema da palestra recebera inspiração dos reparos que no ano passado vi em letra de imprensa formulados à atribuição do Prémio Nobel de Literatura ao escritor e homem de Estado britânico.

Agora que essa alta recompensa foi novamente atribuída a um autor exclusivamente consagrado à profissão literária, Ernest Hemingway, vale a pena erguer a dúvida, há um ano suscitada, sobre a justiça da sua concessão a uma personalidade que o público mundial se habituou a ver mover-se especialmente na cena política. Pensei em esclarecer essa dúvida, através da minha interpretação pessoal e apoiado no testemunho de vultos de maior autoridade do que eu e cujos depoimentos sobre a figura e obra de Churchill me foi dado ler.

A obra do escritor especialmente distinguida na atribuição do Prémio foi o seu trabalho em seis volumes “The Second World War”, “A Segunda Guerra Mundial”. Todavia, os membros da Academia Sueca não deixaram certamente de ter presente nos espíritos a vasta obra literária realizada pelo premiado no meio século que precedeu a publicação das suas Memórias da última Guerra. Da mesma forma, não podemos fazer convergir a nossa atenção exclusivamente sobre o trabalho premiado; temos os dever de recordar, embora sucintamente, os que o antecederam. Mas como neste escritor, protagonista duma vida prodigiosa, a obra literária se confunde, na origem, com os inícios da sua própria existência, e no termo, as Memórias da Guerra, se amalgama com o papel primacial desempenhado pelo seu autor na cena mundial, antes de nos debruçarmos sobre as páginas da sua obra vemo-nos forçados a atentar nas páginas da sua vida. Temos de partir do homem para o escritor, mas para não cairmos no erro daqueles críticos ou daqueles puros literatos que contestaram a Churchill o direito ao Prémio Nobel, devemos fazê-lo com as precauções devidas para que o homem, de tão extraordinária estatura, não esmague o escritor. E como um e outro, afinal, caminharam a par ao longo

de muitas décadas da vida contemporânea, talvez possamos acompanhá-los sem perder de vista nem um nem o outro.

Nesse livro admirável que intitulou “My Early Life”, “A Minha Mocidade”, e que dedicou aos novos, isto é, à mocidade, não do seu país mas do mundo inteiro, Churchill começa por nos contar a sua infância: neto dum duque venerando, filho de um lord, estadista da época vitoriana, e de uma Americana formosíssima, criança irrequieta, péssimo estudante, cujo futuro parecia mais do que sombrio aos seus educadores e familiares. Chegou a ser considerado uma verdadeira nulidade. Era sempre o último classificado nas aulas. E o horror em que tinha não só a estreita disciplina das escolas como o estudo obrigatório do grego e do latim fez com que esses anos sombrios fossem, nas próprias palavras que empregou, os únicos verdadeiramente infelizes da sua longa existência. “Os rapazes aprendem o bastante o latim para passarem a detestá-lo”, escreveria ele mais tarde.

Nessa época, a sua única paixão eram os soldados de chumbo. E foram eles, os fiéis soldados, os responsáveis afinal pela escolha da sua carreira. Um dia o pai, Lord Randolph Churchill, foi, a convite do filho, inspeccionar os soldados em parada. Formavam eles pequeno exército refulgente de cores e de uniformes. Ficou Lord Randolph tão impressionado com o entusiasmo do petiz e com o seu orgulho nas tropas de que se dizia comandante-chefe, que, recordando simultaneamente o horror de Winston pelos estudos clássicos, lhe perguntou se queria seguir a carreira das armas. A resposta foi favorável e daí em diante o Colégio Militar de Sandhurst passou a ser a meta dos esforços do pequeno descendente do grande Malborough.

A verdade, porém, confessada por ele próprio, é que nas provas de admissão à Academia Militar não conseguiu classificação bastante para ingressar no curso de Infantaria e foi relegado para a arma de Cavalaria. Deus escreve direito por linhas tortas e foi aí que o inadaptado encontrou finalmente o ambiente propício ao desenvolvimento da sua personalidade vigorosa e irrequieta.

O último aluno dos estudos clássicos obteve a oitava classificação entre 150 camaradas na Escola Militar. O negrume mudara-se em claridade. Mas o Pai, que ele adorava, já não pode presenciar essa metamorfose. E a mágoa por não ter podido fruir, quando já saberia apreciá-la, a companhia do homem recto e esclarecido, do estadista respeitado que a morte, apressada, arrebatara, marcou profundamente a sua personalidade em formação. Garotito ainda, o pai fora para

ele o senhor de todos os milagres. “In fact to me he seemed to own the key to everything or almost everything worth having”. “Na realidade para mim ele parecia ter a chave para tudo ou para quase tudo que valia a pena possuir”. E, mais tarde, voltaria a escrever, com um fundo acento de tristeza:

*“Eu costumava ir visitar Lord Rosebery nos últimos anos da sua vida, porque, para além do respeito que consagrava a esse homem notável, gostava de o ouvir falar de meu pai quando conversava com esse seu íntimo e ilustre amigo. A última vez que vi Lord Rosebery disse-lhe que gostaria de poder recuar no tempo e conversar daquela maneira com meu pai.”*

Aqueles de nós que perderam prematuramente um pai estre-mecido e respeitado melhor do que os outros compreenderão a profundidade sentimental destas palavras simples e tão belas.

À saudade do pai, que tão cedo partira, juntava-se no seu coração de filho a amargura pelo malogro da acção política do grande vulto desaparecido. O desaire político que pôs termo à carreira de Lord Randolph, sacrificado pelos próprios partidários, viria a marcar indelevelmente a personalidade do filho. Se o pai houvesse triunfado cabalmente, talvez o destino de Winston tivesse sido outro, porque parte da feroz energia com que muito cedo se lançou na arena política veio-lhe, sem ele talvez se dar conta, do desejo veemente de vingar a memória do pai, de levar ao termo da carreira o facho que das mãos daquele tombara a meio caminho. E a sua obra de historiador viria a encetar-se com os volumes consagrados à biografia política de Lord Randolph, obra com a qual restituiria à História da Inglaterra a figura do estadista que a morte cedo de mais arrebatará.

Não forcemos porém as *étapes*. Regressemos ao ingresso de Winston na vida militar. Esquecidos os anos em que ele, como pequeno estudante, punha em dúvida a utilidade dos estudos clássicos como base da educação britânica, o período relativamente breve de aprendizagem em Sandhurst e em seguida os anos de guarnição, como oficial de Cavalaria, na Índia, forma duma nova e confessada felicidade que a vida, através dos altos e baixos, dos triunfos e malogros duma acidentada carreira, nunca mais voltou a negar-lhe.

Nessa época tranquila e feliz para o poderio britânico, em que pequenas guarnições inglesas, quase simbólicas, mantinham em paz todo o subcontinente indiano com os seus 400 milhões de habitantes divididos por ódios e preconceitos seculares, os desportos hípicas foram a grande e dispendiosa ocupação do jovem oficial. Mas ele, que comandara os seus soldados de chumbo em batalhas temerosas, queria assistir às verdadeiras batalhas. E logo que na fronteira longínqua do Nordeste o irrequietismo das tribos obrigou à intervenção armada, obteve, não sem dificuldades — que a mãe, formosa fada protectora da sua mocidade, teve de vencer em Londres — autorização para acompanhar, como correspondente de guerra, a força expedicionária que ia entrar em acção. As suas crónicas de jornalista destinavam-se a dois jornais: o “Pioneer”, indiano, e o “Daily Telegraph”, londrino. Mas o novo jornalista não era já um simples oficial de Cavalaria, sem outra cultura que a obtida na rápida preparação militar e sem outros interesses que os dos torneios

de pólo, em que se fizera campeão. Os anos de vida de guarnição na Índia aproveitara-os também, numa ânsia de saber talvez tardia mas por isso mesmo mais forte, para mergulhar nas mais variadas leituras, sem programa fixo, ao sabor das suas curiosidades, mas com evidente benefício para o espírito quase virgem, onde toda a semente germinava. Por isso se pode dizer que, no plano cultura, Churchill, que nunca frequentou uma Universidade inglesa, é um “self-made man”. Dois autores influenciaram profundamente, nessa época, o então ainda não revelado escritor: Gibbon e Macaulay. Ambos lhe revelaram, duma forma surpreendente, o mundo da História e da existência do estilo. O “Declínio e Queda do Império Romano”, a obra sobre todas famosa do primeiro daqueles historiadores, deixou marca tão perdurável no espírito do moço leitor entusiasta, que o filólogo Ivor Brown escreveria há pouco tempo: “O seu estilo mais rico recorda-nos especialmente o de Gibbon”. Por sua vez Macaulay, num estilo rico de todas as seduções e poder de evocação extraordinário, ofertou-lhe, em dádiva generosa, a história, quase inteira, sombria e luminosa, da Inglaterra, com seus dramas dinásticos, seus crimes, guerras civis e guerras de conquista; revelou-lhe como o pequeno povo duma ilha pobre ergueu e dilatou um Segundo Império Romano. E tão maravilhosa era a história como aliciante a maneira de a contar.

Havia escondido no pequeno estudante de Harrow, que tanto odiara o estudo das línguas mortas, um futuro mestre no manuseamento da língua inglesa, pletórica de vida nas suas mãos. Caberia a Gibbon e a Macaulay revelarem-lhe o tesouro de que dispunha e que a educação imperfeita não deixara até aí que se anunciasse sequer. Foram as crónicas de guerra para o “Pioneiro” e para o “Daily Telegraph” as primeiras manifestações dessa vocação vigorosa que viria a dar à língua inglesa, no século XX, algumas das suas páginas mais belas e, forjadas no fogo das guerras, as de maior grandeza.

Essas crónicas, publicadas nos jornais sob o pseudónimo incolor de “Um Jovem Oficial”, reunidas e desenvolvidas em seguida, constituiriam o seu primeiro livro: “A História da Força Expedicionária de Malakand em 1897”. A sua fama como cronista de guerra ficou solidamente estabelecida e quando Kitchener empreendeu a campanha do Sudão para destruir o poder do Mahdi, ocupar Kartum e vingar, a cerca de quinze anos de distância, a morte do general Gordon, o “Jovem Oficial” das campanhas da Índia, doublé de militar de jornalista, recebeu do “Morning Post” o encargo de acompanhar a expedição como seu correspondente privativo. Mas o gosto dos combates e da aventura estava-lhe na lama e no sangue. Se experimentara o travor da luta nas guerras da Índia, não ia ser ali testemunha inactiva. E foi como oficial de Cavalaria que tomou parte na batalha de Omdurman, que aniquilaria o poder dos Dervixes e daria à Grã-Bretanha, pelo menos para o próximo meio século, o domínio do Sudão e o contróle do Nilo.

E já que, através da vida do homem, estamos a acompanhar o escrito, assinalemos o interesse extraordinário do seu livro “The River War”, “A Guerra do Rio”, que é a crónica viva e colorida da campanha do Sudão. O exército branco dos Dervixes a mover-se, ao começo lentamente, em seguida veloz como ciclone, nas areias onduladas do deserto... A



aventura épica da famosa carga de cavalaria de Omdurman, de que talvez ele seja o último sobrevivente, ficou gravada em, páginas que pertencem já ao património preciosos da língua inglesa.

A carreira de Churchill como correspondente de guerra prosseguiu na África do Sul, durante o conflito anglo-boer, e as suas narrações dessa narrativa dessa longa campanha, a descrição pitoresca da fuga de Pretória, onde se encontrava prisioneiro, até Lourenço Marques, onde adquiriu a liberdade, os comentários à condução da guerra, os juízos que formula sobre os chefes militares, mostram que o rapaz de vinte e poucos anos já fora amadurecido por uma experiência que o preparava para mais altos destinos. No último ano do século XIX o filho de Lord Randolph Churchill dava entrada na Câmara dos Comuns, que presenciara catorze anos antes a queda do pai no ostracismo. Desde então, só com pequeno intervalo de dois anos, nunca Churchill deixou de fazer parte da Assembleia cuja história se confunde com a da própria Inglaterra. Nessa sala que uma bomba alemã destruiu e a cuja reconstrução ele superintendeu directamente, nessa sala decorreu já mais de meio século da sua vida política. Comentando tão longa carreira parlamentar, Lord Winterton escreveu recentemente que Churchill partilha dos grandes méritos e de alguns defeitos da Câmara dos Comuns. É isso, acrescentou, que faz dele o maior parlamentar dos nossos

dias. Mas já outro comentador, mais subtil e cultor apaixonado do paradoxo, que durante dezenas de anos perturbou a vida inglesa com o seu génio desconcertante, George Bernard Shaw, replicando ao estudo que Churchill lhe consagrara no seu livro “Grandes Contemporâneos”, perguntaria: “O que desejo que Winston nos diga é se, caso tivesse outra vida para viver de novo, a desperdiçaria na Câmara dos Comuns Britânica?”

Essa vida não foi desperdiçada. No plano político percorreu uma trajectória que os fados protegeram, tornando extensíssima, mas fazendo-a também gloriosa. Uma altura houve em que se Churchill não tem, com o seu inalterável optimismo e vigor físico, persistindo em viver até à ancianidade, o seu destino político se teria assemelhado ao do pai, sacrificado pelos próprios correligionários. Foi a década decorrida entre 1929 e 1939, durante a qual três chefes de governo medíocres, MacDonald, Baldwin e Chamberlain, aos quais a sua forte personalidade fazia insuportável sobra, o mantiveram sistematicamente afastado das cadeiras do poder. Mas ele sobreviveu-lhes na vida e na política. O destino foi melhor para ele do que para o pai. E a sua hora chegaria. Essa hora que ele imortalizaria num dos reptos mais extraordinários de oratória, amalgamado, na hora da provação, o seu destino com o da Pátria, com o das muitas pátrias que, reunidas, formavam, ao eclodir da última guerra, edifício grandioso do Império Britânico:

*“Let us therefore brace ourselves to our duties, and so bear ourselves that, if the British Empire and its Commonwealth last for a thousand years, men will still say: This was their finest hour.” “Consagremo-nos aos nossos deveres e procedamos de forma que, se o Império Britânico e a sua Comunidade tiverem mil anos de vida, os homens ainda possam dizer: Aquela foi a sua hora mais bela!”*

Nenhum outro estadista fora jamais chamado a assumir a chefia do Governo com preparação prévia tão vasta como a que Churchill acumulara: Subsecretário de Estado para as Colónias de 1906 a 1908, depois, sem interrupção, até 1915, Ministro do Comércio, Ministro do Interior e em seguida da Marinha. Coube-lhe, neste posto, preparar a Armada Britânica para a concorrência, de que sairia vitoriosa, e para o embate com a Alemanha na primeira Conflagração Mundial.

Quando a guerra das trincheiras, nas duas frentes, ameaçava eternizar a luta e sepultar na lama da Flandres toda a juventude inglesa, foi ele o grande admirador da tentativa de penetração dos Dardanelos, para o estabelecimento de uma ligação entre as potências do ocidente e o aliado russo que, isolado, nenhuma assistência recebia. Fora a Rússia que em 2 de Janeiro de 1915 pedira aos aliados ocidentais o empreendimento dum acção acção contra os Turcos, de forma a aliviar a pressão por estes exercida na frente do Cáucaso. Lord Kitchener escreveu a Churchill dizendo-lhe que o único lugar onde essa acção poderia ter efeito seria nos Dardanelos. Foi essa a génese da campanha que colocaria perante as baterias do estreito as esquadras aliadas e faria dos campos de minas cemitério de poderosos couraçados. Lord Fisher, primeiro Lord Naval e, ao tempo, a figura de maior

prestígio da Marinha Inglesa, apoiara inicialmente o plano da abertura dos Dardanelos e do Bósforo pela força dos canhões da esquadra, mas quando viu que o golpe de surpresa falhara e que a luta se prolongaria de forma muito onerosa em homens e material, retirou o apoio à iniciativa e levou a sua oposição a esta até ao ponto de se demitir do alto posto que ocupava. A atitude de Fisher abalou a confiança, já precária, no governo e a crise, em hora tão grave, levou os partidos políticos a reunirem-se num governo de coligação. Os conservadores opuseram-se categoricamente à permanência no almirantado de Churchill – que consideravam trânsfuga do seu partido – e ele foi buscar ao armário os velhos e esquecidos fardamentos de oficial do exército, atravessou o Canal da Mancha e foi para a Flandres bater-se, em postos apagados, contra os Alemães.

O grande crítico militar capitão Liddell Hart escreveria mais tarde acerca da campanha dos Dardanelos: “Todos nós sabemos agora, com o testemunho dos próprios relatórios oficiais alemães, que a ideia audaciosa de Churchill não era uma fantasia do seu cérebro. Todos nós sabemos agora, como os Alemães souberam, quão praticável era o plano dos Dardanelos e quão vitais os seus efeitos teriam sido.”

E outro historiador de assuntos militares e políticos, Sir Edward Grigg, que ocupou altos cargos governativos durante o último conflito, afirmou que toda a evolução da Primeira Guerra Mundial teria sido diferente e diferente toda a vida nacional britânica e todo o destino da Europa se Churchill não tivesse sido sacrificado ao abandono da tentativa de forçamento dos Dardanelos, com a consequente estagnação dos exércitos em frentes imóveis.

O afastamento da política e a forçada redução de actividade de um homem de espantoso dinamismo vieram despertar o artista adormecido desde o tempo da guerra anglo-boer, em que acompanhava as suas crónicas para o “Morning Post” com desenhos e esboços das batalhas e dos episódios da campanha. E como militar, o político, o escritor e o artista formam uma figura única e inconfundível, não nos podemos alhear, neste julgamento sumário, dessora faceta da sua personalidade e lancemos rápido olhar sobre as suas telas. Churchill, cuja vocação de pintor é evidente, nunca poderá libertar-se do rótulo de amador, pois que as suas outras actividades relegaram sempre a pintura para o último plano. Nesta arte, como em tudo na vida, começou como franco-atirador, ao sabor das tendências naturais. Aceitou e utilizou, todavia, os ensinamentos de alguns pintores de grande nomeada. Em 1919 apresentou o seu primeiro trabalho numa exposição de retratos a óleo. Mas só em 1947, afastado novamente das responsabilidades do governo e sob o pseudónimo de “Mr. Winter”, sujeitou os seus quadros ao parecer do júri de selecção da Royal Academy, tendo a alegria de os ver aceites para a exposição anual, já por si consagradora.

Mas, segundo o crítico de arte Thomas Bodkin, o velho político receia que a sua reputação como estadista seja prejudicada pelas actividades artísticas, pois que na Inglaterra o amor pela música ou pelas artes plásticas é ainda muitas vezes considerado como prova de instabilidade mental. Esperemos que ao dobrar os oitenta anos o artista já se tenha libertado desse complexo de timidez. É ele, porém, na reali-

dade, um pintor de mérito? Já me foi dado admirar quadros seus nas exposições da Royal Academy e perante eles não pude deixar de reconhecer que o seu autor é um verdadeiro artista. As suas telas têm a marca da espontaneidade dum vocação sincera e exuberante, mas não disciplinada. Há vigor e às vezes poesia nas suas paisagens. A utilização das cores é frequentes vezes feliz e, ao contrário do que o Prof. Bodkin referiu, eu penso que é a sua grande nomeada como homem de Estado que prejudica a sua reputação de artista.

E, na verdade, a política não deixaria muitos lazeres ao pintor e pouco tempo volvido sobre o seu afastamento, durante a primeira Guerra Mundial, Lloyd George, primeiro Ministro, chamou-o de novo para o Governo. Confinado-lhe o Ministério das Munições, e em seguida o da Guerra e da Aviação. Assim, transitando por quase todos os postos superiores do Gabinete – seria ainda Ministro das Colónias e reingressado no partido Conservador, Chanceler do tesouro de 1924 a 1929 – assim iria acumulando a longa e variada experiência que, servida por inteligência e génio político excepcionais, fariam dele o homem do destino no momento em que a Pátria, levada quase ao naufrágio pelos governantes tacanhos, se lhe entregou, para que a salvasse.

A ascensão ao posto de Primeiro-Ministro, em 1940, fora antecedida, como é bem sabido, por um estágio de oito meses, de Setembro de 1939 a Maio daquele ano, na pasta da Marinha de Guerra. O que poucos sabem é que, ao reentrar no Almirantado, após dez anos de ostracismo político e vinte e quatro de afastamento do cargo em que preparara a Armada Britânica para a Primeira Conflagração Mundial – ao reentrar no almirantado, como chefe civil, no alvorecer da Segunda Guerra, os almirantes mandaram transmitir às esquadras, espalhadas por todos os oceanos, esta única, breve e singela mensagem: “Winston voltou”.

Duas palavras só bastavam para exprimir ao Mundo a esperança que em Churchill depositava a Marinha que não havia esquecido o nível a que ele a elevara numa conjuntura semelhante. Daquela já remota acção de Churchill no Almirantado deve destacar-se o Acordo sobre os óleos combustíveis, que garantiu à esquadra os abastecimentos de óleos durante a Primeira Guerra Mundial, a introdução dos canhões de 15 polegadas, o desenvolvimento do tipo de cruzadores ligeiros e a criação da famosa divisão de cruzadores de batalha, que viria a ser o poderoso açaimo das ambições marítimas alemãs.

Deixemo-lo instalado pela segunda vez nesse posto tanto da sua preferência, ali junto à coluna de Nelson e aos leões de Trafalgar. E lembremo-nos de que durante esses vinte e quatro anos decorridos entre o seu afastamento da chefia da Marinha e o seu regresso, o escritor prosseguiu uma obra literária encetada na mocidade, a qual, no parecer de Bernard Shaw, suplantava a do político: “His real career has been as a soldier and an author”. “A sua verdadeira carreira tem sido a de soldado e de escritor”.

Esta teve os mesmos inícios daquela, nas campanhas da Índia, depois na do Sudão. Foi ainda na Índia, como oficial do IV Regimento de Hussards da rainha, que o moço Churchill escreveu, aos 23 anos, a sua única novela: “Savrola”; uma história complicada de intrigas amorosas e políticas, algures em imaginária

nação do Mediterrâneo. A Novela apareceu primeiro em folheto no “MacMillan’s Magazine” e foi em seguida publicada em volume. Não tem grande valor como peça literária, talvez porque o seu impetuoso e ao tempo inexperiente autor não soube controlar a imaginação pujante, de forma a alcançar o equilíbrio que faria dela uma obra de arte. O tema da novela é, porém, curioso e se pensarmos que foi escrita em plena era do Constitucionalismo burguês, quando nenhuma sombra, nesse tépido final do século XIX, pareciam ameaçar os regimes liberais do Ocidente, havemos de reconhecer que a intriga essencial do livro, a luta entre um ditador e as forças democráticas dum país mediterrânico, mal preparado para a democracia, tomava foros de antevisão. Também de sabor de profecia o destino de Savrola, protagonista da novela, “que deu a liberdade ao seu povo e que este abandonou na hora da vitória”, na fase textual do fecho do livro, que nos recorda um passo igual da vida de Churchill e do povo inglês noutra hora de vitória.

Em 1906 publicava o livro, já nesta palestra citado, consagrado á vida e à acção política do pai, Lord Randolph Churchill. Mais tarde lançar-se-ia a trabalho de maior fôlego: a biografia do seu glorioso antepassado Duque de Marlborough, o general inglês que tanto se notabilizou no final do século XVII, nas campanhas da Guerra da Sucessão.

Livro parcial, a que falta a serenidade do julgador objectivo e implacável. Churchill tinha que ajustar contas com Macaulay e com os outros denegridores do vencedor de Blenheim e ajustou-as cabalmente. Mas o que a visão do historiador perde talvez em objectividade, ganha a reconstituição histórica em beleza e vigor. A vida de Marlborough, pelo seu não menos glorioso descendente, é valioso quadro literário de uma época, da qual se destacam, a traços nervosos, retratos de personagens com as quais o autor se confundiu, partilhando das suas paixões e aventuras com o fervor intenso que põe em todos os actos da existência.

Outra das obras mestras da sua bibliografia é a que intitulou “The World Crisis”, extenso e valioso depoimento sobre as origens e evolução da Primeira Guerra Mundial. Neste amplo estudo, como no seu “Marlborough”, como mais tarde nas Memórias da Segunda Guerra, patenteia-se a sua capacidade para planear e realizar trabalhos de grande vastidão.

Se acrescentamos aos quatro volumes da “Vida de Marlborough” a aos cinco de “A Crise Mundial”, o livro “Grandes Figuras Contemporâneas”, em que esboça, a traços rápidos mas incisivos, o retrato de algumas das personalidades mais notáveis, na política, nas letras, na arte, do mundo inglês que foi o seu, teremos, com alguns ensaios políticos, colectâneas de discursos e os restantes livros já evocados, o conjunto variado da obra literária de Churchill quando, em 1939, uma vez mais, teve de trocar o seu lugar isolado da Câmara dos Comuns, as gratas ocupações de escritos e o pincel de artista pelas responsabilidades de Governo. E, tentando acompanhar esta carreira acidentada, na altura em que encontramos de novo à testa da marinha, recordemos as palavras que um escrito naval inglês, o almirante Sir William James, escreveu, depois de citar inúmeras e importantes medidas que assinalaram a sua segunda passagem pelo Almirantado: “Muito acima disso tudo, a maior contribuição de Churchill para a vitória foi a sua corajosa chefia. Que a todos animava, desde as pontes de comando até às cobertas, o extraordinário poder de condução, que tão forte apoio



representava para os colegas navais, e sua visão, que deixou a marca inconfundível em todos os planos a longo prazo.”

Mas pouco já tardava, finalmente, para que o homem olhando com desconfiança pelos compatriotas em épocas de paz enganadora, talvez até por tão variados talentos os desconcertarem, - pouco já tardava para que esse homem comparecesse à chamada solene do destino. Solene porque na vida dos povos esse encontro entre pátria exangue e um determinado indivíduo só de séculos a séculos se verifica. No dizer de Rowse, o historiador da era elisabetina e o ensaísta de “O Espírito Inglês”, esse encontro, na História da Inglaterra, dera-se pela última vez, quase dois séculos antes, quando, após as derrotas de 1756, Pitt declarava: “ Sei que posso salvar a minha pátria e que nenhum outro o pode”. E o historiador comparava essas palavras com as que Churchill escreveu nas suas Memórias da última guerra, ao relatar os acontecimentos do dia em que, por consenso e escolha unânime da nação, o Rei da Inglaterra o nomeou seu Primeiro-Ministro: “Quando me fui deitar, às três da manhã, tinha a consciência de um profundo sentimento de alívio. Finalmente tinha autoridade para dar instruções a todos os sectores. Sentia-me a caminhar com o destino e sentia que toda a minha vida passada tinha sido um longo tirocínio para aquela hora e para aquela provação não podia ser censurado por ter provocado a guerra, nem pela falta de preparação para ela. Pensei que tinha



razoável conhecimento de todos os seus assuntos e estava certo de que não falharia.”

Há um misto de humildade perante Deus, de orgulho perante os homens nestas palavras vigorosas e simples. Desse dia em diante o péssimo estudante de Harrow, o cavaleiro da batalha de Omdurman, o reporter-soldado da guerra anglo-boer, o político imaginoso, que perante o imobilismo britânico fizera figura de versátil, o escritos, o orados, o artista, passou a ocupar, na vasta e tumultuosa cena mundial, por direito próprio, o primeiro lugar.

Quis a Providência que, passada a contenda, actor principal na tragédia que desencadeou, dispusesse de vagares para contar a história prodigiosa da luta terrível que alastrou pelo Mundo inteiro a na qual, através de revezes e derrotas, destruições e ruínas, mas, finalmente, de vitórias também, levou a sua pátria, exausta mas soerguida, a porto de salvamento.

“The Second World War”, obra em seis compactos volumes, constitui as Memórias de Churchill respeitantes ao período decorrente desde o eclodir da guerra até ao dia 26 de Julho de 1945 — ainda a luta na Ásia não terminara — em que, sabedor do resultado das eleições gerais, apresentou ao Rei a sua resignação do posto de Primeiro-Ministro e aconselhou Sua Majestade a confiar o Governo ao chefe trabalhista.

Essa obra monumental não é a História da Guerra. Mas é sub-

sídio valiosíssimo para a História da Guerra e completem-na os setes volumes dos Discursos pronunciados pelo Primeiro-Ministro durante a conflagração e publicados entre 1941 e 1946, ao ritmo de um volume por ano e de dois no último ano. Os títulos desses volumes de Discursos, inspirados, como todos os títulos de Churchill, reflectem as fases ondulantes da guerra, até ao termo vitorioso: “Na Batalha” — 1941, “A Luta Implacável” — 1942, “O Fim do Começo” — 1943, “A Caminho da Vitória” — 1944, “A Aurora da Libertação” — 1945; e, finalmente em 1946 vieram a público os volumes “Vitória” e o consagrado aos discursos proferidos, durante a guerra, nas sessões secretas do Parlamento, só nessa altura revelados.

O orador, com a experiência de mais de quatro décadas de vida parlamentar, possuidor de dons inatos de eloquência que soubera cultivar e aperfeiçoar, atingiu, nesses anos trágicos da guerra, ou na Câmara dos Comuns ou ao microfone da B.B.C., altitudes não ultrapassadas talvez nos anais da oratória inglesa. Todos nós o escutámos e todos o lemos. E a clareza das suas exposições, a forma como seriava os problemas e, um a um, os ia esclarecendo, a elegância, ora singela, ora opulenta, da sua linguagem, o sentido épico dos seus relatos, heróicos das suas exortações, tudo contribuiu para arrancar à transitoriedade do momento nessas orações famosas e para lhes dar na memória dos homens a duração que tiver a língua nobre em que foram proferidas. Acerca dos discursos de Churchill escreveu outro escritos inglês: “As suas frases parecem destinadas a ressoar pelos anos fora nos lábios dos estudantes que repetem as palavras históricas da História”.

Mas não julguemos que a eloquência de Churchill jorra em catadupas de inspiração ocasional de descontrolada. O seu verbo é instrumento de expressão duma inteligência poderosa e dum pensamento sempre claro. Por isso ele é claro e poderoso, também. E o artista está sempre presente na preparação cuidadosa dos discursos, na escolha meditada das palavras, no ritmo perfeito das frases e na riqueza das imagens utilizadas. Por isso, caso raro nos anais da literatura e da oratória, Churchill é tão grande escritor como orados. Talvez que nestes tempos em que máquinas de calcular poupam ao homem o trabalho de pensar e em que a publicidade radiofónica também o dispensa de falar, — talvez que nestes desgraciosos tempos a eloquência de Churchill, hoje que já não precisamos de escutar as suas palavras de esperança, tenha caído em desuso. “Ele é, em muitos aspectos, um sobrevivente da idade de ouro da oratória”, escreveu o grande advogado e orador inglês Sir Norman Birkett. Mas não deixou de acrescentar: “Os seus lábios pronunciaram algumas das mais sublimes expressões da língua inglesa. Ao longo de cinquenta anos tem-se ocupado nos seus discursos dos mais importantes assuntos nacionais e internacionais e a colecção dessas orações é por si só uma História desses anos tremendos. Muitos desses discursos permanecerão como exemplos da palavra humana no mais alto e melhor que ela atinge e entrelaçar-se-ão com a construção da nossa História e da História do mundo. Porque muitos dentre eles forjaram História na própria altura em que foram pronunciados. Modificaram a marcha dos acontecimentos. Proclamaram a grandeza do nosso passado e o valor das nossas grandes tradições. Iluminaram o caminho do dever incutiram ao povo a determinação de fazer daqueles dias de perigo a sua hora mais bela. Apelaram para os mais nobres e

profundos sentimentos da humanidade quando o abatimento e o desespero apertava os corações e das garras da derrota arrancaram o triunfo. Muitos desses discursos ficarão para todos os tempos como valioso património da Nação cujos interesses eles salvaram e mantiveram. E permanecerão também como imorredouro monumento ao homem que os proferiu e que se tornou na maior figura do seu tempo.”

Já lá vão catorze anos e as suas palavras, pronunciadas na hora de Dunquerque, com a Pátria parecia que desarmada perante o inimigo avassalador, ecoam ainda a nossos ouvidos como ecoação no tempo: “Não sucumbiremos e não nos renderemos. Iremos até ao fim; combateremos em França, combateremos nos mares e nos oceanos, lutaremos no ar com crescente confiança e força crescente, defenderemos a nossa Ilha, custe o que custar; lutaremos nas praias, bateremos em todos os pontos de desembarque, combateremos nos campos e nas ruas, batalharemos nas montanhas; nunca nos renderemos.” “We shall never surrender”.

Estas palavras têm na língua inglesa uma ressonância, um vigor, uma beleza que nenhuma tradução poderá transmitir.

Cinco anos decorridos, o mesmo extraordinário orador poderia dizer: “Nunca lhes prometi nada que não fosse sangue, lágrimas, fadigas e suor. – Blood, tears, toil and sweat. Agora, todavia, temos algo de novo. Temos a vitória – uma vitória notável e definitiva. Os seus raios luminosos reflectem-se nos elmos dos nossos soldados e aquecem e animam os nossos corações.”

Mas, desde a hora em que só prometera “sangue, suor e lágrimas”, até esse instante de alegria da vitória, muitos, intensos e heróicos foram os trabalhos do estadista quase septuagenário, sobre cujos ombros pendia uma responsabilidade a que ele não se esquivava e que, pelo contrário, com o seu egoísmo e forte espírito de autoridade, tornava mais pessoal ainda. De começo partilhava as honras da ribalta com a figura do antagonista, senhor Reich e da Europa, que, na impossibilidade de o atingir com as suas divisões Panzer, o alvejava com seus sarcasmos: “Churchill é o estratega amador mais sedento de sangue que a História jamais conheceu. É tão mau político como soldado e tão mau soldado como político”, declarava Hitler, em 4 de Maio de 1941.

Logo no mês seguinte, porém a 2 de Junho de madrugada, o ataque germânico ao colosso soviético trazia para o mesmo plano da ribalta um novo figurante, pesado, enigmático, bonacheirão só na aparência, implacável nos desígnios e na sua execução: Josef Vissarionovich Staline. E, seis meses decorridos, o golpe de Pearl Harbour trazia para a boca da cena um novo actor principal: aquele homem que a paralisia infantil vitimara já na curva da vida e que no combate à doença afeiçãoou a alma para lutas maiores: Franklin Delano Roosevelt. Forçado, dessa altura em diante, a partilhar o comando da coligação ocidental com o poderoso chefe da nação americana, tornou-se mais difícil, o papel de Churchill exactamente ocasião em que a luta parecia mais fácil para a sua pátria, já não isolada, como até aí.

Todas as alternativas da guerra, os altos e baixos da tremenda aventura, as horas negras de Dunquerque e da capitulação da França, os momentos decisivos da batalha da Inglaterra, o vaivém dos exércitos no Norte da África, a

rendição de Tobruk, a queda de Singapura e o vertiginoso alastramento nipónico pelo Sudeste Asiático, os dias e noites sombrios da batalha do Atlântico, a manhã luminosa de Al-Alamein, o desembarque na Sicília e a campanha da Itália, os golpes de tragédia renascentista da política italiana, o desembarque na Normandia e o estabelecimento da Segunda Frente, a libertação de Paris e a travessia do Reno, a Guerra com G grande, a guerra total, no mar, na terra, no ar, nas cidades e no deserto, na selva da Birmânia, nos bancos de coral da Oceânia e nas planícies da Europa, na Câmara dos Comuns destruída pelas bombas inimigas ou à mesa de Conferências secretas, todas essa película, terrificada e alucinante, passa a nossos olhos e ante o nosso espírito nas páginas das volumosas Memórias do guerreiro e do estadista que, como César forjou a História e escreveu-a.

À medida que essa obra monumental, “Th Second World War”, se vai aproximando do termo, notamos, todavia, não sem mágoas, o forçado apagamento do homem de Estado britânico, consciente das realidades europeias e mundiais, perante o associado americano, que tivera, na invalidez, ânimo e força para levar a pátria à vitória, mas que, imbuído de ideais utópicos, dum crédulo idealismo e de uma perigosa confiança nos seus próprios dons de condutor do mundo, ignorante para mais dos interesses e das particularidades da Europa e dos ensinamentos da História, assumiu, pelo direito que só lhe advinha da força do seu país, um papel para que se supôs predestinado mas para o qual lhe escasseava, totalmente, a preparação.

Ligado a Roosevelt por uma amizade alicerçada, desde o começo da guerra, numa correspondência quase diária e no frequente convívio directo, fortalecido pela partilha das mesmas inquietações e ansiedades, pela comunhão das mesmas esperanças e alegrias, possuidor da compreensão realista de que, mercê do novo poderio, a voz da América passava a ecoar mais alto do que a da velha e cansada Inglaterra, procurou Churchill, numa acção pessoal junto ao Presidente, cautelosa, delicada, mas perseverante, contrapor às ideias utópicas do seu grande amigo as noções e as precauções que a longa experiência dos negócios do Mundo, o profundo conhecimento dos assuntos europeus e a sua penetrante visão lhe ditava como as mais seguras para não transformar em derrota a vitória tão duramente alcançada.

Mas o Presidente norte-americano, tão realista e hábil da direcção dos negócios internos do seu país, tão inteligente na maneira como soube conduzi-lo, antes da agressão nipónica, para a aceitação de uma luta que ele via inevitável, tão seguro na forma como o chefiou durante os quatro anos de guerra, reservou todo o seu idealismo, e muito ele era, para a edificação, a traços largos, dum mundo novo, surto da contenta, do qual desapareceria os lobos e em que todos seríamos cordeiros. Desapareceriam os lobos e os ursos. O urso soviético seria cordeiro tão pacífico como o mais pacífico dos cordeiros. A avolumar o estado de espírito que alimentou essa ilusão, o triunfo duma gloriosa carreira, a penetração de que era o chefe incontestado da mais poderosa nação do orbe, a consciência de que a conduzia à vitória na mais tremenda das guerras, dilataram de tal maneira o egoísmo de Roosevelt, que este se julgou predestinado para,



sozinho, estabelecer as normas em que o Ocidente conviveria com o Oriente num mundo de renascido das cinzas da guerra. Só ele sabia lidar com Estaline e, à revelia de Churchill, contra as prevenções deste, o estadista americano, que nunca na vida brincara com um urso, foi juguete nas mãos deste, convencido até à morte de que dirigia o jogo.

A este respeito, o último volume das Memórias de Guerra de Churchill elucida-nos de uma forma impressionante. Não com considerações escritas muito depois dos factos consumados, pois que não teria valor probatório das responsabilidades de cada um. Mas com documentos redigidos na época, demonstrativos da clara visão que nunca abandonou o grande chefe inglês e, infelizmente também, da sua impotência para travar a marcha que a boa-fé e as ilusões de Roosevelt imprimiram aos acontecimentos.

Em final de Julho, começo de Agosto de 44, quando a sorte dos exércitos alemães em França estava irremediavelmente traçada e quando se preparava o desembarque no Sul da França, Churchill, considerando esse desembarque já desnecessário, fez uma última tentativa junto de Eisenhower para que as forças destinadas a tal operação fossem de preferência empregadas na campanha de Itália, e, em seguida na invasão dos Balcãs pela curva do Adriático. É Eisenhower quem narra no seu livro “Cruzada na Europa”: “Embora ele não mo tenha dito, senti que a verdadeira preocupação do Primeiro-Ministro era possivelmente mais de natureza política que militar. Ele pode ter pensado que uma situação que, depois da guerra, deixasse os aliados ocidentais estabelecidos em grande força nos Balcãs seria muito eficiente para a estabilidade do Mundo, terminada as hostilidades, do que numa situação em que fossem os exércitos russos a ocupar a região. Disse-lhe que, se eram essas as suas razões para advogar a campanha, deveria dirigir-se imediatamente ao Presidente Roosevelt para lhe expor os factos, bem como as suas próprias conclusões. Eu compreendia perfeitamente que a estratégia pode ser afectada por considerações políticas e se o Presidente e o Primeiro-Ministro decidissem que valia a pena prolongar a Guerra, com o resultante agravamento do seu custo em homens e dinheiro de forma a alcançar os objectivos políticos que eles considerassem necessários, então eu, imediatamente e lealmente, adaptaria os meus planos às novas directrizes. Mas insisti em que enquanto os seus argumentos fossem só de natureza militar eu não lhes podia reconhecer validade.”

Se Churchill evocasse os argumentos políticos, haveria quem dissesse que ele pretendia utilizar os soldados yankees para manter o poderio britânico sobre a Europa. Haveria e houve. Por outro, lado a sua autoridade militar não sobrelevava a dos Estados-Maiores. E estes eram hostis a toda a aventura balcânica. Os destinos da Europa foram traçados por forças extra-europeias. E Churchill poderia lastimar-se: “A Itália teria que esperar oito meses pela sua inteira libertação; o movimento da ala direita sobre Viena era-nos negado; e, excepto na Grécia, o nosso poderio militar para influenciar a libertação do Sudeste da Europa tinha-se esvaído”. E meses mais tarde, ao tentar chamar às suas ideias, nas vésperas da Conferência de Yalta, o Presidente fugidio e evasivo, prevenia-o por telegrama: “Na presente ocasião sou levado a pensar que o fim desta guerra será causa ainda de

maiores desapontamentos do que o da última.”

Mas o presidente que fez a penosa viagem até à estância de Yalta era uma sombra apagada do homem corajoso que da derrota de Pearl Harbour extraíra as energias para a luta e para a vitória. Era uma sombra a prenunciar a hemorragia cerebral que de um golpe, em breve, o aniquilaria. E o trágico é pensar que essa sombra mortífera tinha nas mãos trémulas a sorte dos povos e das nações.

O desejo de manter o entendimento com os Russos, quando os Alemães ainda tinham duzentas a trezentas divisões na frente de batalha, levou os chefes ocidentais a graves transigência em Yalta. Mas Churchill não as teria aceite se a sua autoridade não tivesse diminuída pelas divergências com os americanos e se as necessidades imperiosas da guerra o não tivessem obrigado a manter-se solidário com estes.

As escassas garantias de respeito pela soberania polaca – e fora a agressão germânica à Polónia que desencadearam a guerra – essas escassas garantias, que os Russos deram em Yalta, logo as espezinharam, mal encerrada a Conferência. O Primeiro-Ministro tentava acordar o Presidente para os perigos que se avolumavam. Quis, porém, a má fortuna, nesses meses trágicos, que estivesse à guarda de uma agonizante os destinos do Mundo: “Apelei para o Presidente. Mas nessa ocasião crítica a saúde e a força de Roosevelt tinham-se esvaído. Nos meus extensos telegramas pensava que estava a falar com o amigo e colega em quem tanto confiava, como tinha feito durante aqueles anos todos. Mas ele já quase não ouvia. Eu não sabia quão doente ele estava. Os auxiliares dedicados do Presidente procuravam manter dentro dum círculo muito estreito o conhecimento do seu verdadeiro estado e diversas mãos redigiam, em comum, as respostas que me eram enviadas em seu nome.”

Foi nestas circunstâncias macabras que a avalanche moscovita desceu sobre a Europa. O Primeiro-Ministro alcançara entre os seus contemporâneos o píncaro mais alto da fama; atingira o posto mais elevado do comando dum grande império mundial; e foi tão impotente, como qualquer indivíduo sem mando e sem glória, para imprimir aos acontecimentos a marcha que a sua visão esclarecida aconselhava, para arrancar dos sofrimentos da guerra a paz que a Europa merecia.

Os Russos fingiam-se desinteressados de Berlim, dizem do que esta “já não tinha a sua antiga importância estratégica e que por isso o Alto Comando soviético só enviaria forças secundárias na direcção da capital alemã”.

Churchill prevenia os Chefes de Estados-Maiores combinados contra o logro evidente e telegrafava-lhes, em 31 de Março: “Parece-me que o general Eisenhower está enganado ao supor Berlim largamente destituída de importâncias militar e política”. E telegrafava directamente a Eisenhower: “Enquanto Berlim permanecer sob a bandeira alemã não poderá deixar de ser, em minha opinião, o ponto mais importante da Alemanha”. E logo no dia seguinte, 1 de Abril, incansável, telegrafava a Roosevelt: “Considero que, sob o ponto de vista político, devemos marchar para o interior da Alemanha até ao ponto mais oriental que nos for possível atingir e, se Berlim estiver ao nosso alcance, devemos certamente conquistá-la. Isto parece-me também acertado sob o ponto de vista militar.”

Roosevelt morreria onze dias depois, deixando aos Russos

a glória e os benefícios da conquista de Berlim.

Em 4 de Maio, quando as nações vitoriosas, reunidas em S. Francisco, estabeleciam idilicamente as bases da futura concórdia universal, Churchill prevenia o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, em contacto, nos Estados Unidos, com os chefes americanos e russos, contra o perigo da nova situação ameaçadora que era necessário, a todo custo, conjurar. Telegrafava-lhe: “Os territórios sob o contróle russos incluiria os Estados Bálticos, toda a Alemanha até à linha de ocupação, toda a Checoslováquia, uma grande parte da Áustria, o conjunto da Jugoslávia, Hungria, Roménia e Bulgária, até que a Grécia, na sua actual posição vacilante, seja também alcançada. Incluiria todas as grandes capitais da Europa Central: Berlim, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucareste e Sofia. A posição da Turquia e de Constantinopla virá pela certa à discussão imediatamente. Isto constitui um acontecimento na história da Europa para o qual não existe paralelo e que não foi encarado pelos Aliados durante a perigosa e prolongada luta.” E sugeriria uma manifestação de força anglo-americana que obrigasse o colosso soviético a retrair as garras.

Mas, na hora de euforia, quem prestava atenção à voz que ousava dizer não ir tudo pelo melhor no melhor dos mundos, tanto mais que as conveniências da guerra e das alianças obrigavam essa voz a não romper o segredo das Chancelarias?

Em 12 de Maio, quatro dias só decorridos sobre o termo das hostilidades com o Reich, o Primeiro-Ministro britânico telegrafava ao sucessor de Roosevelt, aconselhando-o a que não deixasse dissolver o poderio anglo-americano na Europa, única barreira à expansão soviética. Rebelara-se inutilmente contra a entrega aos Russos de vastas áreas da Alemanha que os Americanos tinham conquistado e que iam desocupar a favor do poderio soviético. E descrevendo a situação tal como se apresentava, com metade da Europa escondida dos olhos do Ocidente, criava a imagem que daí em diante serviria para simbolizar a trágica divisão do Mundo: “Ergueu-se uma cortina de ferro”.

Pregava a ouvidos moucos o evangelho do bom-senso: “Enquanto a atenção dos nossos povos estará ocupada em infligir penalidades à Alemanha, que se encontra prostrada e em ruínas, os Russos ficarão livres para muito em breve avançarem à sua vontade até às águas do Mar do Norte e do Atlântico. Torna-se vital que cheguemos a um entendimento com a Rússia ou seja vejamos em que pé ficaremos com ela antes de enfraquecermos mortalmente os nossos exércitos e de retirarmos para as zonas de ocupação.”

Truman preparava-se entretanto para tomar parte da Conferência de Potsdam e projectava reunir-se com Estaline durante vários dias, antes de dar ingresso a Churchill no concílio. Só a violenta reacção do Primeiro-Ministro impediu tal insensatez.

Prestando inteira justiça ao desinteresse americano nos assuntos relacionados com a aquisição territoriais, observava Churchill, não sem espírito, que quando os lobos ameaçam os rebanhos, o pastor deve proteger as suas ovelhas, mesmo que não cuide da lã. Mas nos últimos tempos da vida do Presidente Roosevelt e nos primeiros do exercício

de Truman, no período decorrente entre o esvaimento das energias daquele e a aquisição por este da segurança governativa para que não fora preparado, houve uma solução de continuidade gravíssima na chefia do Ocidente, da qual os Russos se aproveitaram com consumada maestria. E o grande chefe britânico comenta, melancolicamente: “Os Estados Unidos permaneceriam no teatro da vitória, senhores dos destinos do Mundo mas sem objectivos definidos e coerentes. A Grã-Bretanha, embora ainda muito poderosa, não podia, sozinha, ter uma acção decisiva. Nessa fase das coisas, eu só podia aconselhar e advogar. Por tal motivo essa época, que era, aparentemente, de êxito desmedido, foi para mim uma quadra infelicíssima. No meio das aclamações e das bênçãos, movia-me entre multidões entusiasmadas, com o coração apertado por maus presságios.”

Procurando captar os novos dirigentes de Washington para o que ele entendia que deveria ser a atitude comum anglo-americana perante os Russos, na próxima Conferência em Potsdam, tentando preservar a unidade da chefia do Ocidente, escreveria a Truman, em 27 de Maio: “Deve recordar-se que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos estão unidos pelas mesmas ideologias, especialmente a da liberdade, e pelos princípios estabelecidos na Constituição Americana e modestamente reproduzidos, com modernas variações, na Carta do Atlântico. O Governo Soviético tem uma filosofia diferente, nomeadamente a do Comunismo, e utiliza totalmente os métodos de governo policial, que está a empregar em todos os Estados que tomaram vítimas dos seus exércitos libertadores. Não posso aceitar facilmente a ideia de que a posição dos Estados Unidos é a de considerar a Grã-Bretanha e a Rússia Soviética, sem distinção alguma, como duas potências estrangeiras, com as quais terão de ser resolvidos os problemas resultantes da guerra. A não ser no que respeita à força, não há igualdade entre a verdade e o erro. As grandes causas e princípios pelos quais a Grã-Bretanha e os Estados Unidos sofreram e triunfaram não são meros assuntos de equilíbrio de forças. Na realidade, respeitam à salvação do Mundo

E no mesmo documento escrevia ainda: “A liberdade, independência e soberania da Polónia foram os motivos pelos quais o povo britânico entrou na guerra, mal preparado para ela como estava. Tornaram-se um ponto de honra para a nação e para o Império, que estão agora melhor armados. Os direitos da Checoslováquia são muito caros ao sentimento britânico. A posição dos Magiares na Hungria manteve-se durante séculos e através de muitos infortúnio e deve ser sempre considerada património precioso da Europa. A sua submersão sob a cheia soviética não poderá deixar de ser fonte de futuros conflitos ou espectáculos de obliteração nacional, odiosa a todos os corações generosos. A Áustria, com a sua cultura e a sua histórica capital, Viena, tem de se manter um centro livre da vida e do progresso da Europa.”

O homem que escrevia estas palavras conhecia a geografia da Europa, a sua história e tradições, o seu grande papel na civilização, e tentava, debalde, preservar todo esse património, nós, europeus continentais, temos que prestar justiça a Churchill e reconhecer que ele, estadista britânico com a exalta consciência da missão imperial da sua pátria, não era

pelo Império que se batia, ao erguer a voz, em vão, no cemitério fumegante de cinzas da Europa esvaída. Ele foi nessa hora confusa um grande europeu, mas os destinos da Europa não estavam mais em suas mãos.

“Em 1 de Julho – regista ele com acento lutuoso nas suas Memórias – os exércitos dos Estados Unidos e britânicos começaram a retirar para as zonas estabelecidas, seguidos por grandes massas de refugiados. A Rússia Soviética estabelecia-se no coração da Europa. Foi esse um marco fatal para a Humanidade.”

O Chefe de Governo que compareceu, em representação da Grã-Bretanha, na Conferência de Potsdam, já fora repudiado pelo seu país. A sentença estava só pendente da abertura tardia das urnas. O guerreiro indomável, o chefe corajoso, o espírito imaginativo, o político sagaz, o homem de larga visão, cujo olhar abarcava o Mundo e a História, não era mais preciso no momento em que a nação se iludia com a paz efémera, que a deixava vitoriosa mas diminuída. O negociador abandonou a meio a Conferência de Potsdam e regressou a Pátria, a voz que pronunciou, ao microfone, as palavras de despedida; “A decisão do povo britânico exprimiu-se nos votos contados hoje. Resignei portanto à tarefa que tombou sobre mim em dias mais sombrios”, - essa voz mal escondia os acentos magoados e eram bem diferentes da que dois meses antes, em 8 de Maio, anunciara Inglaterra, ao Império e ao Mundo a rendição da Alemanha: “Advance, Britannia! Long live the cause of Freedom!”

Por de cima dos idealismo e das boas intenções, não se pode julgar uma política senão à luz dos seus resultados. E Churchill, o grande europeu a quem acabo de prestar tão rendida justiça, ficou ligado, perante a História, apesar de todos os apelos, avisos e esforços baldados, às responsabilidades que eram comuns às duas nações anglo-americanas.

O valor humano da grande figura, a sua extraordinário riqueza moral, não saem, todavia, diminuídos do facto de se lhe terem escapado das mãos quase todos os frutos da vitória, desde o seu próprio poder pessoal à integridade do Império e à liberdade das nações das quais se fizera paladino.

As tendências políticas de Churchill, algumas das suas concepções, o seu apego a tradições que o Mundo, para bem ou para mal, se esforça, furiosamente, por olvidar, continuarão a ser motivo de controvérsia e pesarão no juízo que os historiadores virão a formar sobre a sua personalidade e acção governativa. Mas nenhuns juízos dessa ordem apagarão a beleza de muitas das suas páginas, enriquecidas pelo convívio directo com os grandes acontecimentos, pela clareza das suas exposições dos temas militares, pela beleza épica do descritivo das batalhas, pelo sentido trágico da narração dos eventos culminantes, pela arte com que ameniza os relatos documentados, pelo colorido e vigor da sua prosa máscula.

Negar às Memórias da Segunda Guerra Mundial, do escritor Winston Churchill, o mérito que as tornou merecedoras da mais alta recompensa literária do nosso tempo, seria o mesmo que recusar aos “Comentários” de Júlio César, memória de outras guerras em que a Humanidade se consumiu, a perenidade que vinte séculos não foram bastantes para lhes tirar.

O facto de o estadista e de o escritor ocupar de novo, e há

alguns anos já, a chefia do Governo britânico, se em nada influenciou estas considerações, também em coisa alguma as perturbou. Até à publicação das Memórias da Última Guerra, a sua vida foi suficientemente preenchida e a obra literária razoavelmente vasta para fornecerem já matéria bastante ao comentador interessado. “A sua surpreendente e tempestuosa carreira, como escreveu Charles Eade, veio desde a sólida e estável era vitoriana até esta segunda era de Isabel; teve a glória de triunfos como poucos homens têm alcançado e sofreu derrotas, desapontamentos e humilhações em graus raramente atingidos por qualquer outro homem público. Foi troçado no Parlamento e aí se manteve isolado até que os seus críticos o aclamaram como o maior parlamentar dos tempos modernos, talvez de todos os tempos. Foi aclamado como o arquitecto da vitória da maior guerra registada nos anais da História e logo em seguida afastado do Governo pelo povo que ele conduzira da derrota ao triunfo. Hoje mantém-se como um roble, sozinho, o mais eminente entre os grandes homens do seu tempo e de estatura igual à dos gigantes da História Mundial.”

Se os fados foram generosos para com ele, ele, por sua vez, nunca os traiu. Uma das características mais evidente da sua prodigiosa personalidade é o optimismo, o amor incontido à vida e a tudo que esta, em profusão, lhe trouxe. Nunca a adversidade, e muitas vezes ela o feriu, conseguiu vencer a sua imensa alegria de viver. Também a poucos homens o destino reservou tão longa vida, repleta de cabo a cabo de aventuras e de ventura.

Ao terminar este juízo que, embora sumário, vos terá parecido longo, desejo ainda frisar uma última nota. É condição de outorga do Prémio Nobel de Literatura que a obra recompensada se distinga pelo seu idealismo. Perguntarão os discordantes já citados se os escritos dum político e as Memórias de Guerra dum estadista doublé de estratega se distinguem pelo idealismo. Sim, quando o sopro dum ideal os inspira.

A iluminar a busca em que os povos se consomem para encontrar o equilíbrio salutar entre liberdade, conquista preciosa do homem, que diferencia o indivíduo do escravo, e a autoridade imprescindível à boa governação, sem a qual se perdem os frutos daquela liberdade, a iluminar essa busca ansiosa, mantêm-se alguns princípios, de que o Cristianismo é, desde as Catacumbas, o comovido e estrênuo paladino, - princípios de dignificação e elevação da pessoa humana, que na velha Grã-Bretanha tomara há muito foros de cidade e dos quais Churchill é, simultaneamente, expoente e lídimo campeão. Foi farol desses princípios contra todos os totalitarismo que proclamam a soberania da matéria sobre o espírito e que para darem uma pretensa ventura ao homem lhe escravizam a alma.

Nessa luta, contra branco e vermelhos, ele destaca-se como um símbolo. E o ideal que informa as páginas da sua obra, através do descritivo de batalhas e das preocupações do estadista, não é outro e nenhum outro seria mais merecedor de prémios, que nunca serão bastantes para o recompensar.

.....  
Versão integral in Joaquim Paço d'Arcos, “Churchill, o Estadista e o Escritor”, Revista Ocidente, Vol XLVIII, Lisboa.